



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Katriona Antunes Santos Pires

Tornar-se educador

Brasília/DF

2022

Katriana Antunes Santos Pires

Tornar-se educador

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como requisito básico para a conclusão do curso Pedagogia pela Universidade de Brasília, sob orientação do professor Dr. Fernando Bomfim Mariana

Brasília/DF

2022

2022

2

Tornar-se educador

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como requisito básico para a conclusão do curso Pedagogia pela Universidade de Brasília, sob orientação do professor Dr. Fernando Bomfim Mariana

Membros da Banca Avaliadora

Professor Dr. Fernando Bomfim Mariana (FE/UnB) - Orientador

Professora Dra. Caetana Juracy Rezende Silva (FE/UnB)
- Avaliadora

Professora Dra Caroline Bahniuk (FE/UnB) - Avaliadora

Professora Fátima Lucília Vidal Rodrigues (FE/UnB) - Suplente

AGRADECIMENTOS

Para que eu conseguisse estudar e concluir este curso de graduação foi necessário um grande esforço coletivo, e por isso é preciso render graças:

Àquele ao qual minha vida neste plano serve como ferramenta de serviço para todos aqueles que necessitarem, todos os dias.

A Cícero, meu parceiro de vida e maior incentivador, segurando com leveza todos os perrengues.

Aos meus filhos, fonte de inspiração e amor sem condições, amo porque são, apenas. Para eles o meu melhor, no esforço contínuo que o amanhã seja sempre melhor que hoje.

Aos meus pais, meus primeiros guias e referências, por todo o cuidado e pelas oportunidades que se esforçaram para me oferecer.

Aos professores que passaram pela minha vida, que com seu trabalho e esforço me ajudaram a crescer.

Aos meus irmãos, primos e amigos, pelas trocas, diálogos e por estarem sempre à disposição.

A UnB, meus mestres e toda sua estrutura, servidores e colegas. Torço que cada vez mais pessoas possam ter acesso a essa preciosidade.

Por fim, a todos aqueles que de alguma forma, direta ou indiretamente, me ofereceram suporte.

Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso intencionou realizar um relato, da experiência da própria autora, sobre a formação do educador no decorrer da sua vivência no curso de pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília durante os anos de 2017 e 2022. O relato abarca ainda a motivação para o ingresso no curso, relatos e reflexões sobre homeschooling, desescolarização e educação infantil, além de reflexões sobre a qualidade de sua própria formação como educadora.

Palavras-Chave: Educação. Autoformação. Educação infantil. Homeschooling. Desescolarização.

ABSTRACT

This course completion work intends to realize a report from the author's experience about her graduation in Pedagogy at Education College in Universidade de Brasília from 2017 to 2022. This report also covers her motivation to join this course, reports end reflections about homeschooling, unschooling, childhood education, and in addition, reflections about the quality of her university graduation in pedagogy.

Keywords: Education. Self-development. Childhood education. Homeschooling. Unschooling.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

No início era o caos e então... 8

CAPÍTULO I - A história antes da história

Não quero mais ir para a escola! 10

Quebrando a quarta parede - 1ª vez 10

A conversa 10

Quebrando a quarta parede - 2ª vez 11

Voltando ao assunto 11

A rota de fuga 12

Quebrando a quarta parede - 3ª vez 13

CAPÍTULO II - A história durante a história

Procurando caminhos 15

Habemus decisão 17

Quebrando a quarta parede - 4ª vez 18

Sem férias, pelo menos para mim 18

Um momento especial 23

Quebrando a quarta parede - 5ª vez 29

Voltemos à história Dela 29

Um pouco da história Deles 31

CAPÍTULO III - Reflexões sobre o que passou e sobre o que virá

Algumas explicações necessárias 34

Um caminho ainda sem fim, será que um dia terá? 34

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 37

APÊNDICE I - Lembranças da minha própria história com a escola 38

ANEXO I - A história pelo olhar Dela 46

INTRODUÇÃO

No início era o caos e então...

Realizar a construção de um trabalho de conclusão de curso não é uma tarefa simples, a sensação é que em algumas páginas temos que abarcar toda uma trajetória vivida em quatro ou cinco anos (algumas vezes mais), e demonstrar neste momento todas as habilidades e competências construídos neste período. É claro que dá vontade de desistir bem nesta hora, de deixar pra lá, esconder esta obrigação embaixo do tapete e deixar lá *ad eternum*, afinal o que os olhos não veem o coração não sente (será?). Mas é necessário fechar um ciclo, amarrar as pontas, agradecer a oportunidade e seguir para novas experiências. Vamos lá!

Este TCC tem por objetivo oferecer um relato reflexivo sobre a experiência vivida pela autora em sua formação de pedagoga na Faculdade de Educação da Faculdade de Brasília. Relata ainda a motivação para estudar sobre educação e suas vivências na construção de um processo de desescolarização com a filha mais velha, além de outras experiências com educação infantil.

O presente trabalho foi estruturado em forma de narrativa, tendo os diálogos como âncora de reflexão, pois estes tendem a instigar o leitor a elaborarem as suas próprias respostas às questões propostas no texto, e na sequência confrontar com as respostas oferecidas pela autora.

Ainda como metodologia da escrita optei por suprimir os nomes reais e utilizar o recurso estilístico de iniciar as palavras que se referiam aos personagens com letras maiúsculas, como “Ela”, “Filha”, “Ele” e “Meninos”, por exemplo. O intuito desta adaptação vai além de resguardar a identidade das pessoas envolvidas, mas além disso, ampliar a percepção da experiência do leitor, no sentido de que apesar de ser um relato de uma vivência individual, poderia ser a experiência de qualquer pessoa, a minha, a sua, a da minha vizinha, a de alguém do outro lado do país, e com isso instigar o leitor a refletir sua própria experiência (e quem sabe até registrá-la em papel, pois a autora acredita que cada pessoa tem uma experiência única e digna de ser contada).

Além da supressão dos nomes próprios, também os nomes das escolas

foram omitidos com a mesma intenção acima, evitar a personalização da

□

experiência e incentivar o leitor a imaginá-la em qualquer lugar e levá-lo a perceber que ela pode acontecer em qualquer lugar, a qualquer tempo, com qualquer pessoa.

Cabe informar aqui também a escolha de delimitar a redação ao período anterior à pandemia, apesar de a experiência ter se prolongado até o ano de 2022 e seguindo. Esta escolha se deve ao fato de que adentrar a pandemia nos levaria a outras elaborações e reflexões que fugiram ao escopo deste trabalho.

Como recurso metodológico escolhi trazer uma analogia do teatro/cinema para o texto, a “quarta parede”, que, como convenção, seria parede invisível que separaria os atores da platéia. Imaginando também uma parede invisível que separaria a autora dos leitores, optei por utilizar o recurso de “quebra da quarta parede”, como utilizado no filme “Curtindo a vida Adoidado” dirigido por John Hughes ou na série “Fleabag” criada por Phoebe Waller-Bridge. A quebra da quarta parede seria então um espaço de interlocução direta, quase como uma conversa “olho no olho”, buscando com isso um estreitamento da relação autor/leitor e identificação com as angústias e questionamentos da própria autora ao mesmo tempo em que esta busca identificar os sentimentos do leitor durante o progresso da história contada.

Ao redigir o texto imaginei que seria uma importante contribuição termos um relato também de minha filha que viveu o processo de desescolarização que conto neste trabalho. Solicitei à Ela que o redigisse e que apenas o leria no momento em que terminasse de redigir estas páginas, para que não influenciasse minha própria escrita. O relato Dela segue como o Anexo I e em itálico, para diferenciar visualmente do texto principal.

O leitor vai perceber no decorrer do relato que as citações e referências bibliográficas são as mais diversas, o que não deve ser entendido como uma aproximação entre os autores, nem das suas teorias ou das suas próprias existências, e sim como influências diversas, cada uma preenchendo seu próprio espaço para apoiar esta jornada. Ou seja, o link entre todas estas teorias existe apenas à medida que ajudou a autora a construir seu conhecimento e trilhar seu caminho.

Por fim convido-os a seguir com a leitura, nos vemos nas próximas páginas!

CAPÍTULO I

A história antes da história

Não quero mais ir para a escola!

Esta história começa em 2016, no início do inverno, no finalzinho do primeiro semestre, faltando poucos dias para o início das férias de meio do ano e para que Ela completasse 12 anos. E tudo aconteceu mais ou menos assim:

_ Mãe, eu não quero mais ir para a escola! - Ela, simplesmente, disse.

_Ok, vamos conversar sobre isso! - Eu, perplexamente (mas fingindo normalidade), respondi.

Quebrando a quarta parede - 1ª vez

Neste momento cabe um recorte, devo informar que a conversa com Ela não aconteceu no mesmo momento em que as frases acima foram ditas, naquela época as conversas mais sérias e que não deveriam ser interrompidas apenas aconteciam em nossa casa em tempos e lugares específicos, ou seja, somente após os Gêmeos, com então 2 anos de idade, dormirem, e em algum lugar em que nossas vozes não os acordassem. Afinal com o simples som do cair de uma pena era berreiro na certa.

A conversa

A conversa aconteceu, Ela me contou o que estava acontecendo, o porquê de não querer mais ir à escola, o que a estava incomodando e como estava se sentindo. Me conta que não via sentido em nada do que estava aprendendo, não via sentido na rotina, nos assuntos, na postura dos professores, muitas vezes grosseiros e com baixa capacidade de controlar suas emoções, os colegas que conversavam sobre assuntos aleatórios durante as aulas e pouco se interessavam sobre os assuntos e as atividades propostas... enfim, a lista de descontentamentos era grande, e em sua maioria fazia sentido.

_ Você quer mudar de escola?

_ Não mãe, você não está entendendo? Eu não estou reclamando da MINHA escola, eu estou reclamando DA escola, de todas as escolas, da estrutura da escola, ou algo assim.

É, o negócio era mais sério do que pensei.

Quebrando a quarta parede - 2ª vez

Você, a esta altura (e com toda razão), deve estar se perguntando em qual escola Ela estudava, repasso aqui então informações que, acredito eu, satisfarão esta necessidade: era uma escola particular, bilíngue, situada na cidade de Brasília/DF e que oferece turmas desde as primeiras séries da educação infantil até o ensino médio. Ela estudava lá desde os 7 anos de idade, quando nos mudamos da Bahia para Brasília.

Voltando ao assunto

Como estava dizendo, durante a nossa conversa, eu como mãe fiz a única coisa que me cabia fazer naquele momento, acolhi seus sentimentos, suas angústias e seus questionamentos. Mas apenas isso não seria o suficiente, então lhe fiz uma proposta. Pedi que pensássemos juntas em tudo que estava acontecendo. A parte Dela seria aguardar até o final do ano para que tomássemos uma decisão, e que durante o segundo semestre letivo de 2016 observasse se a sua percepção da escola mudava e se desistia de sair. A minha parte era não enlouquecer, quer dizer, a minha parte era recolher o máximo de informações sobre

educação fora da escola, discutir sobre estas informações com pai Dela, no período

11

em que ele não estava trabalhando e que os Meninos estavam dormindo, ou seja, tarde da noite, e tentar construir uma rota de fuga da escola para usar caso Ela não mudasse de ideia.

Entre mamadas, trocas de fraldas, pesquisas na internet, conversas madrugadas adentro (que ela me confessou depois, escutava atrás da porta, enquanto eu e o pai, até então totalmente contrário à ideia, argumentávamos e contrargumentávamos, pensávamos em alternativas, construíamos possibilidades e juntávamos mais um batalhão de dúvidas para serem pesquisadas durante os dias seguintes) a rota de fuga foi sendo construída...

A rota de fuga

_ Filha, achei bastante informação na internet sobre *homeschooling*, e descobri que apesar de ser feito em vários países, aqui no Brasil ele é proibido.

_ Como funciona o *homeschooling*?

_ Basicamente você estudaria em casa seguindo o currículo do Ministério da Educação. Estudaria as mesmas disciplinas, os mesmos assuntos para a sua idade, mas em casa!

_ Não mãe, não é isso que eu quero!

_ Você consegue me explicar melhor então o que você quer?

_ Eu quero estudar só as coisas que fazem sentido pra mim, as coisas que eu gosto, que me interessam!

Ninguém me disse que construir esta rota de fuga ia ser fácil, mas também ninguém me contou que seria tão difícil.

Tínhamos várias questões difíceis envolvidas nesta construção, mas o que mais me preocupava era o risco de que Ela perdesse oportunidades, não poderia jamais permitir que uma decisão tomada aos 12 anos reverberasse de forma negativamente contundente, que lhe tirasse chances de voltar atrás, repensar, reconstruir, e o que é pior, que a impedisse de construir algo, como entrar na Universidade, por exemplo.

Com o tempo e as pesquisas foi ficando cada vez mais aparente para mim que a questão de perder oportunidades eram em sua essência burocráticas, como garantir o diploma de conclusão do ensino médio, e para isto encontrei a solução

possível, Ela faria o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM quando completasse

17

18 anos, que era a idade mínima na época para que fosse possível utilizá-lo como instrumento de certificação.

Encontrar a solução para o entrave burocrático foi a chave que abriu a porta para que pudéssemos, de fato, começar a construir um planejamento para a rota de fuga e torná-la possível, caso ela realmente tivesse que ser usada. E para minha surpresa a parte burocrática era “fichinha” para o desafio que me aguardava: entender como educar uma adolescente sem escola, na contramão do normal, do comum, do aceito, dentro da lei, com garantias de resultado (será?), ou seja, o caminho que iríamos começar a trilhar não existia, era mata fechada, a travessia exigia ferramentas específicas e roupas adequadas para que saíssemos do outro lado com a menor quantidade de ferimentos possíveis. Deveríamos construir o caminho e caminhar ao mesmo tempo, seríamos desbravadores.

Quebrando a quarta parede - 3ª vez

Queridas e queridos leitores, eu sei que neste momento você já deve ter muitas perguntas que, imagino, serão respondidas no decorrer do relato pois com certeza as suas perguntas eram também as minhas (na verdade eu era um ponto de interrogação ambulante).

Mas quero te contar aqui a única certeza que tinha, a de que minha filha tinha necessidades de crescimento humano que, naquele momento, a escola não conseguia suprir, Ela queria outra coisa, algo difícil de nomear, seria liberdade? Ou autonomia? Poder fazer escolhas de acordo com suas aspirações mais profundas? Queria ser ouvida? Tudo isso junto, ou nada disso? Eu não poderia esperar que Ela, aos 12 anos, conseguisse colocar em palavras, de forma estruturada o suficiente, a angústia que sentia naquele momento. Minha saída para entender o que estava acontecendo foi me propor apenas a ouvi-la, sem julgamentos, sem palavras de ordem, sem preleções nem lições de moral, apenas ouvir, mas não só com ouvidos, com o coração, para que de alguma forma sua essência falasse diretamente com a minha.

Preciso ainda contextualizar melhor aquele momento, os Gêmeos estavam entrando no jardim de infância neste mesmo período, escolhemos uma escola pequena em um bairro residencial de Brasília, um espaço para a socialização deles,

mas que os recebeu com o pior acolhimento que já vi:

12

_ Pode deixar a criança aí no chão e ir embora mãezinha, eles vão chorar mas uma hora eles cansam e param! - A professora disse quando fui com os dois até a sala.

_ Como assim? - Eu retruquei, meio sem entender a lógica do que ouvia.

_ Vai dar certo mãezinha, confia! - Gente, as outras mães confiavam e iam embora e me olhavam com aquele olhar de que era isso mesmo, uma hora eles param de chorar.

Eu os deixei na sala, saí, e chorei na recepção da escola enquanto Eles choravam lá dentro. Resultado, naquela noite, e nas seguintes, Eles tiveram pesadelos horríveis, acordavam gritando “Mamãe, volta”. Não era socialização que eles queriam, a necessidade deles era estar em um lugar amoroso e seguro, no qual não precisassem chorar de desespero.

Neste momento “uma grande ficha” caiu: a questão da necessidade! Eu entendi então que Ela queria ser acolhida em suas necessidades, que Eles queriam ser acolhidos em suas necessidades, e será que a escola não estava preparada para ser este lugar de identificação e acolhimento de necessidades? E agora quem precisava de acolhimento em minhas necessidades era eu! A minha necessidade era de instrução, de conhecimento para entender o que estava acontecendo, e uma das portas que se abriram para mim naquele momento foi a inscrição do ENEM que estava aberta. Claro, iria voltar para a Universidade!

CAPÍTULO II

A história durante a história

Procurando caminhos

_Filha, encontrei uns vídeos muito legais na internet. São relatos de uma moça brasileira que os filhos não iam para a escola, quero que você assista comigo!

_ Eles faziam *homeschooling*?

_ Não, é diferente! Ela chama de desescolarização!

A vida era muito corrida com três filhos, sem ajuda em casa para limpar, fazer comida, fazer compras de mercado, colocar as crianças para dormir, cuidar de desfralde, entre as outras milhares de atribuições da vida adulta. Naquela época eu não trabalhava fora pois tinha pedido licença sem vencimento do meu trabalho como servidora pública para me dedicar aos bebês assim que eles nasceram, licença esta que durou 4 anos. Eu não tinha tempo então para ler artigos longos, livros, para procurar referências teóricas, tinha que aproveitar toda brecha de tempo para procurar informações, foi aí que encontrei na internet a palavra “desescolarização” ou “*Unschooling*” e me deparei com uma mãe, a Ana Thomaz, que tinha vídeos publicados no YouTube sobre este assunto, onde relatava um pouco da sua experiência.

Tive que entender a desescolarização, este movimento tão novo para mim, para traduzir para Ela, para que me dissesse se este caminho fazia sentido para si. Entendi então, naquele momento, que a desescolarização seria um processo educativo que quebra as barreiras institucionais da escola, levando com elas seu currículo, suas classes padronizadas e geralmente divididas por faixas etárias, suas noções de tempo e espaço. Seria então um processo de educar na vida e para a

vida, entendendo todas as experiências desta como um espaço-tempo pedagógico.

15

Imersa em um espaço social, a pessoa construiria a si mesmo no seu tempo, de acordo com as suas necessidades e expectativas, tendo como ferramenta de aprendizagem todo o espaço vivo, natural, material, cultural, tecnológico e social à sua disposição de forma orgânica e mutável.

Como disse, não havia tempo para muitas elaborações teóricas, eu aprendia e compartilhava, e daí construíamos algo nosso. No entanto para contextualização teórica sobre Desescolarização trago as palavras de Ivan Illich, um dos poucos teóricos sobre este assunto, em seu livro “Sociedade sem escolas”:

A desescolarização da sociedade implica um reconhecimento da dupla natureza da aprendizagem. Insistir apenas na instrução prática seria um desastre; igual ênfase deve ser posta em outras espécies de aprendizagem. Se as escolas são o lugar errado para se aprender uma habilidade, são o lugar mais errado ainda para se obter educação. A escola realiza mal ambas as tarefas; em parte porque não sabe distinguir as duas. A escola é ineficiente no ensino de habilidades, principalmente, porque é curricular. Na maioria das escolas, um programa que vise a fomentar uma habilidade está sempre vinculado a outra tarefa que é irrelevante. A história está ligada ao progresso na matemática; e a assistência às aulas, ao direito de usar o campo de jogos. A escola é ainda menos eficiente na concatenação das circunstâncias que incentivam o uso franco e explorador das habilidades adquiridas, para o qual reservo o termo «educação liberal». A principal razão disso é que a escola obrigatória e a escolarização tornam-se um fim em si mesmo: uma estada forçada na companhia de professores, que paga o duvidoso privilégio de poder continuar nessa companhia. Assim como o ensino de habilidades deve ser liberto de cerceamentos curriculares, assim deve a educação liberal estar dissociada da frequência obrigatória. Tanto a aprendizagem de habilidades quanto a educação do senso inventivo e criativo podem ser favorecidos por disposições institucionais, mas são de natureza diversa e muitas vezes oposta. (ILLICH, 1985, p.31-32).

Retomando:

_Eles faziam *homeschooling*?

_Não, é diferente! Ela chama de desescolarização!

_E como é isso?

_Seria estudar e aprender sem escola, a pessoa aprende, no seu próprio tempo, as coisas que escolheu para estudar, sem professor e sem um roteiro pré-definido.

_Sim, é isso que eu quero!

Eu não sabia se ria ou se chorava. Encontramos enfim o caminho, não era uma mata tão fechada assim, no entanto não era nada aberta, estava mais para uma picada onde pouquíssimas pessoas caminhavam, mas que com suas pegadas amassavam o matinho do chão, com seus machados arrancavam um galho aqui, outro ali, mas na maioria das vezes se esquivavam para passar entre as árvores maiores, arregaçam as calças para cruzar os rios, no entanto eram as brechas de luz que deixavam pelo caminho que guiavam os viajantes que vinham atrás.

Habemus decisão

O final do ano chegou e a decisão foi então tomada, Ela não retornaria à escola no próximo ano.

_ Mãe, estou de férias?

_ Não sei, você está?

_ Acho que não, né?

_ É filha, de agora em diante tudo é vida, e a vida não tira férias!

O grande momento chegou, a decisão estava tomada, sentamos nós três, eu, o pai e Ela para conversar e definir os primeiros passos da jornada. Comecei:

_Filha, a decisão que estamos tomando agora é muito séria, e eu não sei se você consegue perceber isso. Para mim e para seu pai é muito mais confortável ter com quem dividir a responsabilidade pela sua educação, é mais seguro e reconfortante ter a escola, os professores nos dizendo o que você deve aprender a cada ano, e no final nos contar se de fato você aprendeu, te dar uma nota e te passar ou não de ano. Mas a partir de agora não teremos mais isso, seremos nós três, à mim e ao seu pai caberá a responsabilidade de te escutar em primeiro lugar, e a partir daí oferecer as ferramentas, procurar caminhos e te mostrar as portas. Mas não poderemos usar as ferramentas, percorrer os caminhos nem abrir as portas por você.

Era muito importante naquele momento que nós três entendêssemos que se impunha ali uma mudança radical de postura. Continuei:

_À você, Filha, caberá ser responsável pelo seu aprendizado, e isso não é pouco, precisa estar disposta a conversar e nos contar o que te motiva e o que quer aprender, para que nós dois possamos encontrar os caminhos para te oferecer. Vai ter a obrigação, que até então era assumida pela escola, de avaliação, ou seja, você terá a obrigação de auto-avaliar, saber se o caminho escolhido está te oferecendo ou não o aprendizado que você espera, e nos contar sempre, com detalhes, o porquê do estar servindo ou não, para que seja possível corrigir a rota se necessário.

Contamos para ela que tinha duas matérias que nem eu nem o pai abríamos mão que ela continuasse a aprender e que era inegociável, português e matemática, pois entendíamos que eram competências básicas e estruturantes para a vida. Todo o restante ela estava livre para escolher.

Quebrando a quarta parede - 4ª vez

Olá mais uma vez. Como vocês perceberam chegamos naquele momento da trama onde, após a introdução, teremos de fato o desenrolar da história. Por este motivo resolvi abrir aqui estas pequenas aspas. Neste exato momento em que digito esta história percebo que aqui ela bifurca, quatro histórias vão começar a se desenrolar: a história Dela fora da escola, as histórias de cada um dos meus Filhos em seus primeiros anos na escola, e a minha como catalisadora das outras três.

A partir deste momento relatarei a vocês os caminhos que tive que percorrer para honrar com a responsabilidade que se impôs a mim, a necessidade que a vida jogou em meu colo sem fazer qualquer cerimônia. E sobre necessidade eu lembro que estou falando da minha, de instrução sobre educação, e da de cada uma delas, pois, por conta da idade, ainda sem autonomia de agir conscientemente de forma a atendê-las, confiaram a mim esta missão. E para honrá-la eu precisava me preparar, procurei em mim ferramentas e encontrei três, força de vontade, coragem e amor, mas elas sozinhas não eram suficientes, precisava do conhecimento que transformaria tudo isso em ação consciente e responsável.

Sem férias, pelo menos para mim

A lógica do tempo e do espaço começa a ser desmontada. Não havia mais

período de férias, todo espaço era o lugar, todo tempo era agora. Enquanto Ela

19

preparava a lista das coisas que gostaria de estudar, eu comecei também a minha jornada de conhecimento para me tornar a guia que ela precisava que eu fosse.

Fiz a prova do ENEM no final do ano de 2016, fui com a cara e a coragem pois não tinha tido tempo nenhum para me preparar, quem disse que eu lembrava dos conteúdos do ensino médio? Mesmo assim fiz uma boa média e consegui a vaga para o curso de Pedagogia na Universidade de Brasília para iniciar no primeiro semestre de 2017.

Enquanto 2017 não chegava, a vida, que não tira férias, continuava. Nas pesquisas pela internet conheci a Escola da Ponte, que fica em Portugal, e tive o primeiro contato com as ideias do educador José Pacheco, principalmente pela forma como sua metodologia rompia, assim nós estávamos tentando fazer, com a lógica do espaço e do tempo no processo educativo, e com os papéis, pois na Escola da Ponte o educando tinha papel ativo, era roteirista e personagem de sua própria história, e neste processo aprendia a autonomia para se transformar diariamente também em diretor da sua própria vida. Com a palavra José Pacheco:

O espaço de aprender é todo espaço, tanto o universo físico como o virtual, é a vizinhança fraterna. E quando se aprende? Nas quatro horas diárias de uma escola-hotel? Duzentos dias por ano? Que sentido faz uma idade de corte, se não existe uma idade para começar a aprender? A todo momento aprendemos, desde que a aprendizagem seja significativa, integradora, diversificada, ativa, socializadora. O tempo de aprender é o tempo de viver, as 24 horas de cada dia, nos 365 dias (ou 366) de cada ano. (PACHECO, 2014, p.11)

Encontrei um curso *online* de quatro semanas sobre a metodologia da Escola da Ponte e me matriculei, estudava o material, participava da comunidade criada no facebook e produzia as atividades à noite, enquanto todos dormiam.

No início de 2017 me inscrevi numa ação de formação de educadores que contava com a condução do professor José Pacheco. Fui desbravando terreno, ao chegar no primeiro encontro entendi que além da formação de educadores o processo tinha também como objetivo estruturar a criação da primeira Comunidade de Aprendizagem vinculada à Secretaria de Educação do Distrito Federal, o CAP do Paranoá. Deste grupo participaram educadores de várias escolas do DF como também outras pessoas que atuavam de forma mais independente ou em grupos

também outras pessoas que atuavam de forma mais independente ou em grupos

10

não vinculados à educação formal. Particpei de mais algumas reuniões, no entanto tive que interromper quando os grupos formados começaram a se organizar para a construção e remodelamento de cada uma das instituições às quais estavam vinculados. Neste momento tive que reconhecer que não haveria condições de dispersar energia e me distanciar da jornada dos meus filhos, era na verdade uma questão de prioridades para usar o tempo que eu tinha disponível. No entanto conheci muitas pessoas e pude beber da fonte de um conhecimento que nem posso mensurar, saí, mas saí transformada.

As aulas na Unb começaram, peguei as cinco disciplinas ofertadas para os calouros: Antropologia e Educação, Educação e linguagens Tecnológicas, Oficina Vivencial, Perspectivas do Desenvolvimento Humano e Projeto 1 - Orientação Acadêmica Integral. Durante o dia cuidava da manutenção da vida, do leva e traz dos Meninos para a escola e Dela para as atividades, e à noite ia para a UnB me abastecer de mais combustível para serem gastos nos dias seguintes, pois o processo era altamente dinâmico, tudo que ouvia, lia e discutia à noite gerava insumo para a prática no outro dia, e que de forma diametralmente oposta e complementar, a prática diurna me gerava dúvidas e reflexões que alimentavam a construção teórica da noite posterior. Era um processo incessante e profundamente vivo.

Seria impossível citar todos os momentos de aprendizado sem transformar este artigo em livro, a forma me obriga a delimitar o espaço. No entanto não posso deixar de citar o encontro com os escritos de Darcy Ribeiro durante as aulas de antropologia, e com a abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner nas aulas de Psicologia da Aprendizagem, que abriram portas de percepção para a cultura, o ser humano e a sociedade. À viagem no tempo que a disciplina de Oficina Vivencial nos levou para lembrar e escrever um memorial sobre nossos anos na escola (memorial este que está no apêndice I deste artigo). Sobre como me emocionei com a leitura de “Dibs, em busca de si mesmo”, escrito por Virginia Axline, e me fez pensar sobre respeito, refletir e adequar minha conduta diária para ser a mais respeitosa comigo e com todos ao meu redor. Como não falar das aulas de Educação e Linguagens Tecnológicas? Uma das mais incríveis que tive a oportunidade de cursar, inclusive levava minha filha para assistir algumas aulas para que pudesse viver junto comigo aquela experiência.

No segundo semestre de 2017 cursei a disciplina “Projeto 2 - Projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão”, na qual, entre outras coisas, me foi apresentado o conceito de práxis pedagógica. Naquele momento pude começar a entender a relação entre a teoria e a prática na ação do educador, o que me levou a refletir sobre a minha própria ação, onde todos os papéis se misturam, era mãe, estudante e educadora ao mesmo tempo, tudo era confuso e complexo, mas na maioria das vezes parecia simples porque era orgânico, era simplesmente a vida acontecendo, aqui e agora.

Entrar em contato com o conceito de práxis me levou, como o aroma das flores atrai aqueles que as sente, diretamente aos escritos de Paulo Freire, ao qual cedo, humildemente, espaço para que nos conte então sobre a práxis pedagógica e educação libertadora:

Desta maneira, a educação se refaz constantemente na práxis. Para ser tem que estar sendo.

Sua “duração” – no sentido bergsoniano do termo – como processo, está no jogo dos contrários permanência-mudança.

Enquanto a concepção “bancária” dá ênfase à permanência, a concepção problematizadora reforça a mudança.

Deste modo, a prática “bancária”, implicando no imobilismo a que fizemos referência, se faz reacionária, enquanto a concepção problematizadora que, não aceitando um presente “bem comportado”, não aceita igualmente um futuro pré-dado, enraizando-se no presente dinâmico, se faz revolucionária.

A educação problematizadora, que não é fixismo reacionária, é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí que corresponda à condição dos homens como seres históricos e à sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seres mais além de si mesmos – como “projetos” – como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. Daí que se identifique com o movimento permanente em que se acham inscritos os homens, como seres que se sabem inconclusos; movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo.

O ponto de partida deste movimento está nos homens mesmos.

Mas, como não há homens sem mundo, sem realidade, o movimento parte

21

das relações homens-mundo. Daí que este ponto de partida esteja sempre nos homens no seu aqui e no seu agora que constituem a situação em que se encontram ora imersos, ora emersos, ora insertados.

Somente a partir desta situação, que lhes determina a própria percepção que dela estão tendo, é que podem mover-se.

E, para fazê-lo, autenticamente, é necessário, inclusive, que a situação em que estão não lhes apareça como algo fatal e intransponível, mas como uma situação desafiadora, que apenas os limita. (FREIRE, 2017, p.102-103)

Até o terceiro semestre, no início de 2018, consegui manter o ritmo de cursar cinco disciplinas, de todas elas aprendia algo novo, uma nova perspectiva, como na aula de “Psicologia da Educação” na qual nos debruçamos sobre os conceitos de autonomia, ou na de “Educando com Necessidades Educacionais Especiais” onde me aprofundei, entre outras coisas, sobre o conceito e as teorias de crianças com altas habilidades e superdotação e foi onde entendi com mais ênfase sobre importância da diversificação das experiências na vida de uma pessoa, para que ela possa descobrir afinidades, aprender e desenvolver habilidades.

Mas uma pequena frustração me acompanhava durante este período, a impossibilidade de ter disponibilidade de viver a universidade de outras formas, em projetos de extensão ou pesquisa, por exemplo, tudo o que eu conseguia era fazer o básico, o feijão com arroz diário de cursar as disciplinas apenas. E o que já era difícil ficou um pouco mais complicado após este período, pois em março de 2018 o tempo da minha licença expirou e tive que retornar ao trabalho.

O retorno ao trabalho trouxe consigo outras necessidades, ajustes de tempos, movimentos e rotina. Entre o segundo semestre de 2018 e o segundo de 2019 tive que reduzir de forma contundente as disciplinas que cursava na UnB, para conseguir reorganizar a vida sem que nos perdêssemos no meio desse novo contexto.

Em 2020 com a pandemia, a UnB acabou suspendendo as aulas durante um semestre e retornando apenas no segundo semestre do ano com aulas on-line, neste momento escolhi trancar a matrícula para conseguir dar conta das diversas demandas que surgiram com a transição da “vida presencial” para a vida “on-line” e a principal delas era zelar para que nossa vida no apartamento fosse a mais agradável e saudável possível. Por vezes me sentia como no filme “O quarto de

Jack” dirigido por Lenny Abrahamson, onde uma mãe cria um mundo cheio de amor e ludicidade para o filho em um quarto minúsculo e do qual não podem sair.

O tempo passa e as coisas seguem sua tendência de se organizar, do caos à ordem, e de fato em 2021 nossas vidas já estavam de alguma forma adaptadas ao novo contexto. Resolvi então que era a hora de retornar à Faculdade, estava tão animada com o retorno que consegui organizar meu tempo para fazer sete disciplinas, algo que não tinha tentando em nenhum outro semestre, fiquei receosa, mas sabia que com muita disciplina daria certo, além do fato de fazer tudo on-line que me proporciona um ganho de tempo que deveria ser utilizado a meu favor.

Um momento especial

No primeiro semestre de 2021 vivi uma experiência muito especial, um momento de “eureka!”, como um *insight* ou algo assim. Na disciplina de “Psicologia da Personalidade” entrei em contato com a Teoria humanista de Carl Rogers, a Teoria da auto-atualização e da tendência auto-atualizante, o que me fez automaticamente recordar de um trecho do Livro “ Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade” de bell hooks que tinha lido na disciplina de “Sociologia da educação” em 2019. Era um trecho que tinha me chamado bastante a atenção pois trazia uma inquietação da própria bell hooks sobre que tipo de professora gostaria de se tornar, e uma crítica aos professores com os quais tinha vivido experiências, tanto como aluna, quanto como colega de profissão. Com a palavra a musa bell hooks:

Aceitando a profissão de professora como meu destino, eu me atormentava com a realidade das salas de aula que conhecera como aluna de graduação e pós-graduação. A grande maioria dos nossos professores não dispunham de habilidades básicas de comunicação. Não eram auto-atualizados e frequentemente usavam a sala de aula para executar rituais de controle cuja essência era a dominação e o exercício injusto do poder. Nesse ambiente, aprendi muito sobre o tipo de professora que eu não queria ser. (HOOKS, 2013, p.14)

Aquele livro me inquietou em vários níveis, aquela palavra que eu nunca tinha escutado. “auto-atualizados”. me fez pensar e refletir sobre como seria uma

pessoa auto-atualizada, como se comportava, o que pensava e principalmente como a pessoa se tornava auto-atualizada? bell hooks continua:

Embora quisesse seguir carreira de professora, eu acreditava que o sucesso pessoal estava intimamente ligado à auto atualização. Minha paixão por essa busca me levou a questionar constantemente a cisão entre mente e corpo, tantas vezes tomada como ponto pacífico. A maioria dos professores eram radicalmente contra - chegavam até a desprezar - qualquer abordagem ao aprendizado nascida de um ponto de vista filosófico que enfatizasse a união de mente, corpo e espírito e não a separação entre esses elementos. Como tantos alunos para quem agora dou aula, ouvi várias vezes, de acadêmicos prestigiados, a opinião de que era engano meu procurar aquele tipo de perspectiva na academia. Durante os anos em que fui estudante, senti uma profunda angústia interna. Lembro-me dessa dor quando ouço os alunos expressar o medo de não obter êxito nas profissões acadêmicas caso queiram se sentir bem, caso repudiem todo comportamento disfuncional e toda participação nas hierarquias coercitivas. Esses alunos muitas vezes temem, como eu temia, que não haja na academia nenhum espaço onde a vontade de auto atualização possa ser afirmada. Esse medo existe porque muitos professores reagem de modo profundamente hostil à visão da educação libertadora que liga a vontade de saber à vontade de vir a ser. Nos círculos professorais, muitos indivíduos se queixam amargamente de que os alunos querem que as aulas sejam uma espécie de "terapia de grupo". Embora seja irrazoável da parte dos alunos ter a expectativa de que as aulas sejam sessões de terapia, é adequado terem a esperança de que o conhecimento recebido nesse contexto os enriqueça e os torne melhores. (HOOKS, 2013, p.32)

União da mente, corpo e espírito. Então para bell hooks era isso, a pessoa auto-atualizada era uma pessoa em que o corpo, a mente e o espírito estavam unidos, em comunhão, com um objetivo, o de vir a ser. Ela ainda termina o parágrafo com a seguinte afirmação, de que era razoável esperar que o conhecimento recebido nas aulas os enriquecessem e os tornassem melhores. Eu fiquei muito tempo refletindo o que seria o "vir a ser", partindo da premissa estabelecida de que o "vir a ser" seria uma vontade (ou necessidade?) que poderia ser satisfeita com uma educação libertadora, ou seja, a efetivação dessa vontade de "vir a ser" seria a observação da diferença qualitativa do "ser" entre o ponto de

partida e o de chegada, onde o caminho a ser percorrido poderia ser o da educação (ou deveria ser?).

Daí entra Carl Rogers e me diz, já no título de um de seus livros, “Tornar-se pessoa” o que poderia ser este “vir a ser” sobre o qual bell hooks falava, “vir a ser” uma pessoa? Rogers então me contou que observou em suas experiências de terapia que as questões humanas mais profundas permanecem as mesma desde muito tempo:

“Qual meu objetivo na vida?”, “O que procuro?”, “Qual é a minha finalidade?”. Tais são as questões que qualquer homem põe a si mesmo, uma vez ou outra, às vezes calma e meditativamente, outras vezes na agonia da incerteza e do desespero. São questões antigas, muito antigas, que foram feitas e respondidas em todos os séculos da história. São também questões que todo indivíduo, a seu modo, deve colocar e responder para si mesmo. São questões que eu, como terapeuta, ouço exprimir das mais variadas formas por mulheres e por homens perturbados que tentam aprender, compreender ou escolher as direções que a sua vida deve seguir. Num certo sentido, nada de novo se pode dizer sobre essas questões. De fato, a frase de introdução que tomei como título dessa conferência é tirada dos escritos de um homem que com elas se debateu há mais de um século. Pareceria presunção exprimir simplesmente mais uma opinião pessoal sobre esse problema dos objetivos e das intenções. Mas, como trabalhei durante muitos anos com indivíduos perturbados e desajustados, julgo poder discernir um padrão, uma direção, um elemento comum, uma orientação nas respostas provisórias a essas questões que eles encontraram para si próprios. Por isso gostaria de comunicar minha maneira de ver o que é que o ser humano parece procurar quando tem a liberdade de escolher. (ROGERS, 1980, p. 144)

E logo mais a frente Rogers tenta chegar à uma síntese do que pôde observar e refletir sobre o movimento, no qual informa que o sujeito se move em direção “a ser”, de forma consciente o que ele “de fato já é” potencialmente:

Vou procurar indicar concisamente o que é que está implicado nesse padrão de movimento que observei nos meus clientes, cujos elementos venho tentando descrever. Parece indicar que o indivíduo se move em direção a ser, com conhecimento de causa e numa atitude de

aceitação, o processo que ele é de fato em profundidade. Afasta-se do que

25

não é, de ser uma fachada. Não procura ser mais do que é, com todos os sentimentos de insegurança e os mecanismos de defesa que isso implica. Não tenta ser menos do que é, com os sentimentos implícitos de culpabilidade ou depreciação de si. Está cada vez mais atento ao que se passa nas profundezas do seu ser fisiológico e emocional e descobre-se cada vez mais inclinado a ser, com uma precisão e uma profundidade maiores, aquilo que é da maneira mais verdadeira. Um cliente, sentindo a direção que está tomando, pergunta a si mesmo com espanto e incredulidade, durante uma entrevista: “Você quer dizer que se eu realmente fosse como eu sinto que sou, tudo estaria certo?” A sua própria experiência e a de muitos outros clientes faz tender para uma resposta positiva. Ser realmente o que é, eis o padrão de vida que lhe parece ser o mais elevado, quando é livre para seguir a direção que quiser. Não se trata simplesmente de uma escolha intelectual de valores, mas parece ser a melhor descrição do comportamento hesitante, provisório e incerto através do qual procede à exploração daquilo que quer ser. (ROGERS, 1980, p. 155)

A vida humana é de fato um mistério, me lembro que desde muito pequena perguntava à minha mãe por que eu tinha nascido, por que o mundo existia, o que tínhamos que fazer aqui, qual era o objetivo da vida. As respostas de minha mãe se limitavam a “Foi por que Deus quis”, ao que eu retrucava: Quem é Deus? Nunca uma resposta convincente o bastante, e ao continuar perguntando chegávamos no ponto onde o diálogo deveria parar, “Você tem que ter fé!”. E eu continuava: Mas o que é fé?

bell hooks e Carl Rogers falavam de coisas muito parecidas, o ser humano como sendo “tornando-se o que se é” e “a união de corpo, mente e espírito”. Será que o problema das escolas era não estarem ajudando as crianças a se tornarem quem elas de fato eram? E se fosse isso, será que nós educadores, pais, adultos em geral, estávamos nos tornando aqueles que deveríamos ser? Será que conhecemos este caminho?

Entendi que não dá para descobrir a roda todo dia, ou seja, para perguntas milenares é necessário retroceder, vasculhar as respostas que nossos antepassados encontraram e construir a partir daí. Não posso dizer que o caminho é fácil, pois as respostas se situam em algum lugar do tempo e do espaço que não é o meu, com linguagens, cultura e símbolos diferentes, que exigem do investigador, eu

no caso, desprendimento e humildade para me transportar sem preconceitos. Por

26

outro lado, a empreitada é facilitada pelas inúmeras pessoas que vieram antes de mim e deixaram por este caminho tortuoso grandes pérolas: traduções para o português de livros aos quais eu não teria acesso nas línguas originais.

Platão me forneceu um olhar para este caminho, de se tornar “quem se é”, de uma forma muito especial, seria o caminho de “sair da caverna”, ou seja, o caminho de acessar o “mundo das ideias”, a essência, a verdade, nela contido o arquétipo de homem, o modelo ideal de ser humano.

Em seu livro A República, logo após relatar o Mito da Caverna (que não será possível replicar aqui, mas que recomendo a leitura) onde ele relata a história de pessoas que por algumas condições específicas acreditam que a realidade é feita de sombras, sendo que em algum momento um homem consegue acessar a Luz do Sol, símbolo da verdadeira sabedoria, ou seja, a ideia do bem, do justo e do belo. Após este conhecimento o homem poderia escolher retornar à caverna para desvelar a realidade para os homens que ficaram, incitando-os a sair da caverna também, ou permanecer fora da caverna, em uma vida plena, mas sem utilizar seus conhecimentos para ajudar aqueles que permaneceram na ignorância. No entanto, o homem que saiu, sabendo que “sair da caverna” é um aprendizado que necessita de experiência vivida e não pode ser repassado apenas com leituras, ou seja precisa que a pessoa o faça por si só, pois ninguém poderia obrigar alguém a “sair da caverna” se não por sua própria vontade, precisa decidir se volta ou não para ajudar os demais. Em outras palavras o conhecimento é algo que deve ser realizada na própria vida, com experiência e vontade, não sendo possível repassá-la apenas por palavras, além disso apenas com este conhecimento seria possível atuar na vida, tanto pública quanto particular, de forma sábia:

III. Sócrates - Agora, meu caro Glauco, é preciso aplicar, ponto por ponto, esta imagem ao que dissemos atrás e comparar o mundo que nos cerca com a vida da prisão na caverna, e a luz do fogo que a ilumina com a força do Sol. Quanto à subida à região superior, e à contemplação dos seus objetos, se a considerares como a ascensão da alma para a mansão inteligível, não te enganarás quanto à minha ideia, visto que, também tu desejas conhecê-la. Só Deus sabe se ela é verdadeira. Quanto a mim, a minha opinião é esta: no mundo inteligível, a ideia do bem é a última a ser apreendida e com dificuldade, mas não se pode apreendê-la sem concluir que ela é a causa de tudo o que de reto e belo existe em todas as coisas;

no mundo visível, ela engendrou a luz e o soberano da luz; no mundo inteligível, é ela que é soberana e dispensa a verdade e a inteligência; e é preciso vê-la para se comportar com sabedoria na vida particular e na vida pública. (PLATÃO, 2012, p.189)

Seria possível então a educação agir de forma a ensinar este caminho? Se sim, para ser educador seria uma condição *sine qua non* para sua atuação que tivesse, ele mesmo percorrido, este caminho de sabedoria, de “tornar-se quem se é”? Seria então o educador um pontífice, aquele que faz a ponte entre o mundo das ideias, e os seus educandos, mostrando o caminho e incitando-os a percorrê-lo?

Retroagindo mais um pouco no tempo, movendo-me no espaço, encontro em uma cultura ainda mais alheia à minha, ensinamentos convergentes ao de Platão. O Bhagavad Gita, livro sagrado da cultura Hindu que relata o diálogo entre Krishna, um dos avatares de Vishnu, ou seja, uma das encarnações do Senhor Supremo, e Arjuna, seu discípulo e amigo. Em uma parte deste diálogo encontramos o ensinamento do que seria “sabedoria”:

Humildade, tolerância,
simplicidade, modéstia,
não-violência, autocontrole;
serviço ao guru legítimo;
limpeza, estabilidade,
renúncia, desprendimento;
ser consciente de que nascer, adoecer, morrer,
e envelhecer são misérias;
não se apegar à família;
equanimidade em face
da alegria e da tristeza;
devoção constante à Mim;
viver solitariamente;
sempre ficar afastado
da massa geral dos homens;
reconhecer a importância
da auto-realização;
buscar conhecimento
da Verdade Transcendente:
declaro que isso é saber

e outra coisa é ignorância

22

(Bhagavad Gita, 1998, p.157)

Podemos ainda lembrar a inscrição “conhece-te a ti mesmo”, que encontrava-se no pórtico de entrada do templo do deus Apolo, na cidade de Delfos na Grécia, no século IV a. C. À Apolo, aquele que não tem pólos, ou seja, que conciliou as dualidades e se unificou, foi conferido ser a deidade da beleza, da perfeição e da razão, sendo a frase “conhece-te a ti mesmo” considerada uma mensagem de Apolo aos homens, de que apenas conhecendo a si mesmo seria possível conhecer a verdade do mundo, ou seja, atingir a sabedoria. Seria esta frase então o equivalente ao sair da caverna e ver a luz, de Platão, ou agir conforme preconiza o Bhagavad Gita indiano nos versos acima, e ainda o “tornar-se pessoa” de Rogers e ser um “ser de auto-atualização, aquele que uniu o corpo, a alma e o espírito” de Hooks?

São muitas perguntas, algumas respostas, que geram novas perguntas, que me levam a outras leituras e descobertas ainda em construção, que seguiram e seguem em paralelo ao curso acadêmico de pedagogia e se entrelaçam com estudos como filosofia clássica e oriental, e ainda outros que nossa sociedade refere como não científicos ou como pseudociência, como astrologia, reiki, teosofia, mas que no entanto, para a minha formação de ser humano (do conhece-te a ti mesmo) se mostraram não apenas úteis, mas imprescindíveis.

Quebrando a quarta parede - 5ª vez

Falar da Unb e não citar os nomes de cada mestre que me acolheu e me mostrou portas é muito difícil, mas escolhi não citar pelo risco de que, pela falta de espaço, acabasse por deixar alguém de fora, o que seria uma falta indesculpável.

Agora precisamos dar uma breve pausa na minha história para contar à vocês o que acontecia do outro lado.

Voltemos à história Dela

_ Mãe, já decidi o que quero começar a estudar!

E lá vem ela com uma lista: moda, japonês, francês, filosofia e aprender a

dançar K-pop. Isso tudo além do português e da matemática, que nós, os pais,

no

tínhamos acrescentado, além de sugerir que incluísse a matéria de história em algum destes itens, então criamos o projeto de estudar história por meio da moda.

Ao fazer o curso sobre a Escola da Ponte eu tinha entendido que para isto funcionar eu tinha que aprender a ser ponte, ou seja, tinha que aprender a transformar necessidades em experiências, criando e apontando caminhos, e enquanto Ela percorria os caminhos Dela, eu percorria os meus, e eles se cruzavam e divergiam, para cruzarem-se novamente mais na frente, em um fluxo e influxo rítmico.

Ela nos três anos que ficou fora da escola, de 2017 a 2019, viveu vários tipos de experiência, fez curso de francês e inspirou o pai a fazer junto com Ela, fez curso de japonês, matemática e português, participou de um grupo de jovens em um curso de filosofia, fez aulas de moda em uma escola de moda para adolescentes, aprendeu entre outras coisas a costurar e desenhar croquis, fez aulas de cavaquinho e de canto, entrou em uma escola de dança para aprender a dançar K-pop e lá conheceu algumas das pessoas que são hoje suas melhores amigas, fez aulas particulares de redação e escrita, leu dezenas de livros, escreveu poesias, contos e outras histórias, dormiu o quanto precisava, assistiu muitos filmes e séries, participou de workshop sobre o sagrado feminino e as mudanças no corpo na adolescência, teve tempo para aprender a reconhecer e respeitar o seu próprio tempo, seus humores e seus momentos.

Ela teve a oportunidade de testar métodos diferentes, conhecer pessoas diferentes, algumas vezes a escolha não era a mais adequada, e quando isso acontecia, tentávamos entender o porquê, por vezes era possível ajustar, outras vezes era necessário mudar a rota.

Após o golpe de 2016 o governo do então Presidente Temer retirou a possibilidade de certificação do ENEM e migrou para o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos - ENCCEJA, o que nos deu a oportunidade de criar um ponto de reflexão e correção de rota antes que ela fizesse 18 anos, pois o ENCCEJA, diferente do ENEM, contava com duas etapas certificadoras, uma que poderia ser realizada com 15 anos completos para a obtenção da certificação do Ensino Fundamental II e outra aos 18 para a certificação do Ensino Médio.

E era de fato o momento de corrigir a rota, pois a rotina após o meu retorno

ao trabalho estava cada vez mais difícil de conciliar. Conversamos bastante, tivemos

20

que entender que outras necessidades se impunham naquele momento, e decidimos então que era o momento de retornar à escola, Ela faria então a prova de certificação do Ensino Fundamental II e retornaria à escola no ano de 2020 para cursar os três anos do Ensino Médio.

Da minha parte me comprometi a pesquisar as escolas que ofereciam o ensino médio para que conseguíssemos fazer uma boa escolha. Lembrei então de um grupo que participava do curso de formação de educadores com o Professor José Pacheco, e que acompanhei em algumas reuniões, aquele que fiz lá em 2016. Este grupo fazia parte do corpo docente de uma escola pública federal que oferta o ensino médio integrado com técnico. Era isso, estava decidido então, era para lá que ela iria. Quando fui pesquisar os documentos que deveria levar para matriculá-la descobri que as vagas eram definidas por sorteio, o jeito então era inscrevê-la e torcer pela vaga, e como plano B ter uma escola particular padrão e torcer para não usá-lo.

No segundo semestre de 2019 ela fez a prova do Enceja, teve um desempenho excelente e conseguiu a certificação. No início de 2020, para a nossa alegria ela foi uma das sorteadas e conseguiu a vaga que tanto queríamos. Foi uma volta feliz, até que o inesperado aconteceu, e após apenas um mês de aulas o mundo parou por causa da pandemia de COVID-19, e ela então voltou a estudar em casa, mas em um contexto completamente diferente.

Um pouco da história Deles

Após o trauma da primeira experiência na escola no início de 2016, tirei os Meninos dela e então eles voltaram a ficar apenas em casa comigo. Quando um dia vi no instagram de uma amiga mãe de gêmeas um post sobre a escola na qual tinha matriculado as filhas, era uma escola de educação infantil, com casinhas coloridas, na qual as crianças brincavam livremente com os pés no chão, e que tinha o melhor acolhimento e período de adaptação escolar que ela já tinha visto. Fui lá e matriculei!

Ainda era início de 2016, antes mesmo de Ela pedir para sair da escola e a vida, de alguma forma, já me empurrava para o tema “Educação” de uma forma descaradamente enfática. Explico: os meninos ficaram tão traumatizados com a

primeira experiência que tinham se fechado completamente para qualquer situação

21

em que eu tivesse que me afastar deles. Nunca vou me esquecer o primeiro dia na escola de casinhas coloridas, eu parada na porta da sala amarela com os dois no colo chorando, chorando não, gritando, gritando não, berrando! Eu não conseguia me mover, pois a cada menção de movimento era como uma ameaça mortal, e Eles gritavam mais ainda, a professora tentava ajudar, mas ao chegar perto Eles grudavam mais ainda em meu pescoço, todas as outras crianças da sala assistiam àquela cena perplexas, quando de repente o coordenador se aproximou e como num passe de mágica estávamos todos sentados num grande colchonete no meio da sala, os dois no meu colo, cada um sentado sobre um perna, as crianças ao redor, enquanto ele os encantava com um performance de animais da fazenda, bonecos que ele manipulava, cavalos de plásticos que corriam de uma lado para o outros e falavam coisas engraçadas.

Eles adoravam voltar àquele lugar, mas não me deixavam sair, nem me afastar sequer para ir ao banheiro. A escola nos recebeu, entendeu as necessidades deles e as acolheu. Conversamos e o Coordenador e as professoras nos falaram que a adaptação dos Meninos seria como eles precisassem, e assim foi, e a necessidade deles foi que eu ficasse na sala de aula, durante todo o período, durante quase dois meses! Tenho que dizer que em nenhum momento me senti mal ou uma intrusa, pelo contrário, aproveitava aquelas manhãs para observar e aprender, admirava aqueles educadores, o jeito como reverenciavam a infância e como escutavam cada criança, dialogavam com elas, acolhiam suas curiosidades e propunham experiências desafiadoras.

A adaptação finalmente aconteceu e eu me despedi daquele curto, mas intenso, período de “estágio”. No entanto as coisas não eram só flores e como acontece geralmente quando crianças pequenas entram na escola, elas adoecem dia sim, dia também. No início do segundo semestre de 2016 os dois tiveram pneumonia, um deles precisando ficar internado durante cinco dias no hospital. Mudança de planos, acabei por tirá-los da escola para que pudéssemos ter um momento maior de recuperação sem novos episódios.

No segundo semestre de 2017 eles retornaram para a escola, uma outra escola, uma escola nova que tinha começado a funcionar naquele mesmo ano, ao vistá-la me encantei com a proposta e a estrutura. Os Meninos tiveram dificuldades em se adaptar, o que não era uma surpresa para mim, no entanto a escola foi, como

a outra, completamente e absolutamente acolhedora, e os Meninos também se

22

adaptaram do jeito e no tempo deles, e mais uma vez eu pude viver uma experiência linda e mágica observando todas as tardes, por mais ou menos um mês, toda a vida que brotava naquele espaço. Eles ficaram nesta escola por mais dois anos, até a última série da Educação Infantil. A despedida foi dura para todos, e até hoje as amizades entre as crianças, famílias e as pessoas incríveis daquela escola permanecem.

Em 2020 eles iniciaram o ensino fundamental I em outra escola, uma escola também com um viés alternativo, numa chácara, onde as crianças vivem em contato constante com a natureza. No entanto, a pandemia se impôs e o contato com a natureza e com a escola foi cancelado sumariamente, e ficamos todos, durante muito tempo fechados em nosso apartamento.

CAPÍTULO III

Reflexões sobre o que passou e sobre o que virá

Algumas explicações necessárias

No decorrer do relato adentrei em temas bastante caros para a formação do educador, como a “escola”, “*homeschooling*”, “desescolarização”, “avaliação”, auto-avaliação”, “provas” e “exames nacionais” como o ENEM e o ENCCEJA. No entanto, em nenhum deles me deti para uma reflexão mais aprofundada no qual ficasse evidente um posicionamento acerca de tais temas, e de fato foi elaborado desta forma propositadamente.

Proponho neste trabalho uma mudança de perspectiva, desviar o olhar das ferramentas e voltá-lo para quem as usa. Como uma criança ao começar a se alimentar sozinha utiliza as próprias mãos, se lambuzando toda, para depois com mais perícia e habilidade começa a utilizar a colher, por ser mais fácil e não oferecer perigo como a faca e o garfo, no entanto tanto a faca quanto o garfo serão introduzidos em algum momento, pois a criança continua evoluindo, podendo usar ainda instrumentos de outra cultura, como o hashi, e outros mais sofisticados, como um talher para peixe, por exemplo. Chegará o momento em que aprenderá a utilizar facas de corte e mesmo o fogão para preparar o próprio alimento, e assim estará pronto também para alimentar os demais.

Desta forma “escola”, “*homeschooling*”, “desescolarização”, “avaliação”, auto-avaliação”, “provas” e “exames nacionais” foram citados neste relato como ferramentas que devido ao uso a que se prestam e a habilidade de quem as manejam, definem se constroem algo ou se ferem. Ou seja, seu uso pode ser tanto para algo construtivo quanto para algo destrutivo, nossa proposta aqui seria então cuidar de quem as usa, para que as use com habilidade, consciência, responsabilidade e amor, por si e pelos outros.

Um caminho ainda sem fim, será que um dia terá?

A experiência relatada neste trabalho, a da formação do educador, em específico a minha formação, apesar de ser única em sua essência de formação individual, se coletiviza no ponto em que o mesmo caminho é, ou deveria ser, vivenciado por diversas outras pessoas. No entanto eu gostaria de ampliar ainda mais o escopo desta experiência, não apenas como a formação do educador, mas como a autoformação do educador que para ser efetiva, necessita da autoformação do homem em ser humano, ou do "tornar-se pessoa", como nomeia Rogers.

No entanto, em toda a minha trajetória educacional, tanto escolar quanto acadêmica, não me foi oferecida um acesso à sabedoria, como relatado por Platão ou pelo Bhagavad Gita, mas sim acesso a conhecimentos técnicos, e raras vezes, me foram oferecidas experiências que me levaram ao autoconhecimento, como peças de quebra-cabeças, códigos cifrados, recolhidos por pessoas que resolveram também seguir nesta busca por si mesmo, a quem tampouco foi oferecida a chave do caminho, mas que percebendo por si mesmos que há mais além da construção banal e material da vida cotidiana, como alguns dos meus mestres, assim também como Freire, Hooks, Rogers e Pacheco.

Para além de todas as reflexões deste trabalho, esta é para mim muito especial, chega a me emocionar quando a escrevo: a nossa sociedade contemporânea tem escolhido socializar as pessoas para fins alheios a si próprios, formam as crianças para que aprendam como utilizar a matéria, entendo aqui a matéria como o total do conjunto da natureza e seus reinos animal, vegetal e mineral, para a satisfação dos sentidos, acumulação e geração de riquezas. Porém no decorrer do percurso percebi que esta premissa parece um tanto equivocada, talvez o mais saudável seria inverter a ordem, ao invés de ensinar o ser humano à se servir da natureza como se dela não fizesse parte, seria ensiná-la a servir à natureza em um processo integrado, da qual não existe sem fazer parte, e ao se integrar se tornaria cada vez mais humano, ao separar-se bestializa-se. Em resumo, penso que a pergunta primordial para o desenrolar do processo educativo seria "como o ser serve à isso?" E por "isso" podemos entender a "natureza", a "sociedade", os "outros seres", os "animais", a "terra", o "universo", entre outras coisas. E não como se faz hoje em dia ao ensinarmos "como as coisas servem ao

ser”, assim objetificando toda a natureza e outros seres, e por fim objetificando-nos a nós mesmos.

Preciso ainda chamar atenção para a “questão da necessidade” conforme relatado nesta experiência. Sendo a necessidade uma situação que se impõe pela falta e que a satisfação desta falta seria imperativo ou inevitável. A identificação das necessidades minhas e as dos meus filhos foi a bússola que me guiou neste percurso, mas para isso foi preciso que eu me dispusesse a escutar, a fazer perguntas, a questionar, a dialogar com eles e comigo mesma. E neste processo percebi o quanto é difícil para as pessoas reconhecerem suas próprias necessidades, quantas vezes já ouvi relatos de pessoas que ao fazerem dietas usam a estratégia de beber água ao sentir fome, para perceber se de fato sentem fome ou sede. Se as necessidades do corpo físico, tão material e óbvio, são por vezes irreconhecíveis, o que poderemos dizer de necessidades mais sutis, como as intelectuais e emocionais, para não dizer da alma e do espírito?

Saio da faculdade com conhecimentos muito úteis à ação pedagógica como exigido por nossa sociedade, saio também com vislumbres de uma nova dimensão mais educativa, mais profunda e útil em níveis que não são vivenciados nos dias atuais, a não ser por pessoas que buscam quebrar padrões, vencer barreiras, criar novas formas de pensar e agir, no entanto, somos todos ainda o elo fraco de uma corrente poderosíssima chamada “capital” ou “dinheiro” e em última instância “ vaidade e “ego”, pois pessoas auto-realizadas, como preconiza o Bhagavad Gita, não costumam explorar e oprimir, sustentar consumo e gerar acumulação de recursos, nem para si, nem para outrem.

O caminho começou a ser trilhado, espero um dia chegar a sair da caverna, e uma vez estando lá, que restem em mim forças e compaixão para voltar, para que minha ação educadora seja efetiva e consciente, enquanto isso aproveito cada metro trilhado, as vezes só, às vezes acompanhada, às vezes com luzes deixadas por quem trilhou antes de mim, às vezes na mais completa escuridão, às vezes entre pedras, buracos e despenhadeiros, as vez por chão liso e lindos bosques.

Tenho sinceras esperanças que este pequeno e breve relato, mais que um projeto de conclusão de curso, seja um pequeno vagalume na escuridão dos que, como eu, escolheram trilhar este caminho, e para aqueles que virão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bhagavad Gita: Canção do Divino Mestre. trad. do sânscrito, introdução e notas Rogério Duarte. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 63 ed. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra, 2017.

hooks, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** trad. de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2013.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas:** trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 7 ed. Petrópolis, Vozes, 1985.

PACHECO, José. **Aprender em comunidade.** 1 ed. São Paulo, Edições SM, 2014.

PLATÃO. **República.** Organização: Daniel Alves Machado. Brasília, Editora Kiron, 2012.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa.** trad. Manoel José do Carmo Ferreira. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1980.

APÊNDICE I

Lembranças da minha própria história com a escola

Este memorial foi realizado para a disciplina de Oficina Vivencial em 2017 em formato de pequenos contos com as lembranças que estavam à minha disposição naquela época, e por este motivo não abarca todas as séries e termina no 2º ano do ensino médio.

O ano era 1984 - As crianças, a liberdade e o cadeado (3 anos - Maternal)

Estávamos sentados na varanda de casa, eu e meu irmão um ano mais velho. A babá cuidava de algo dentro de casa e nos avisou que excepcionalmente neste dia não poderíamos sair para brincar na rua. Sentados num dos batentes da escada que dava acesso à varanda, observávamos o movimento da rua, que naquela época ainda era de terra batida, através das grades marrons do portão.

Nos entreolhamos e eu disse: _ vou lá tentar abrir o cadeado, vou

irmão, totalmente cético sobre minhas habilidades ilusionistas, retruca: _ D-U-V-I-D-O!!!

Movida então pelo desafio proposto por aquela palavra tão loquazmente colocada, andei decidida na direção do pequeno cadeado que estava pendurado no portão, numa altura que bastava levantar um pouco o calcanhar que já alcançava, e num tom grave e sério, enquanto segurava o cadeado com as duas mãozinhas, disse: _ Sinsalabim, abracadabra, pequeno cadeado pode abrir! E neste momento, num puxão vigoroso, o cadeado se abriu!!

Não podia acreditar no que via, olhei para o meu irmão e no seu rosto

fazer uma mágica! - Enquanto meu

a mesma expressão de espanto.

29

Antes de sairmos enlouquecidamente entres pulos e risadas para a tão sonhada liberdade na rua, ele pediu: _ Faz de novo?? - E eu, no auge do sentimento de orgulho pela proeza alcançada, prontamente atendi seu pedido, pus-me na ponta dos pés segurei firmemente entre minhas pequenas mãos o cadeado e num movimento simples e certo o tranquei, absolutamente o tranquei, nada parecido com aquele trancamento em falso anterior.

Então comecei a repetir a frase mágica abridora de portões, mas nada do bendito cadeado abrir, repeti a frase nas mais diversas composições, coloquei palavras novas, puxei, puxei mais forte ainda, porém o cadeado continuava irredutível em sua vontade de permanecer fechado.

Nada de rua naquele dia, ainda bem!

Lição aprendida: Neste dia aprendi que fazer mágica na vida real não era igual aos contos de fada.

O ano era 1985 - Katriana, meu amor! (4 anos - Infantil I)

Ele sempre estava logo após o portão da escola, aquele menino

parecia um anjo. Eu adentrava o portão, antes das 8 da manhã e lá estava ele à minha espera, dia após dia. Ao me ver abria um sorriso imenso, como se apenas neste momento seu dia realmente começasse, e se punha a declamar:

Katriana meu amor
meu penico de cocô
meu coração por ti gela
bem debaixo da janela

Lição aprendida: Neste dia aprendi como fazer rimas.

O ano era 1986 - Eu quero ficar em casa também! (5 anos - infantil II)

A escola ficava do outro lado da rua, era uma escolinha de bairro onde eu e meu irmão fomos matriculados naquele ano. Tinha uma mangueira bem no meio do pátio, na qual meu irmão costuma subir na hora do recreio, mas nesse dia ele não estava lá. Procurei no banheiro, perguntei aos meninos, mas ninguém sabia onde ele estava, corri na sala e a mochila dele não estava lá, corri de volta pro pátio, chamei a professora e falei que não o encontrava. Foi então que olhamos pro portão e ele estava

branquinho de cabelos cacheados,

aberto, corremos... Ao lado do portão

20

da escola um moça lavava um carro, esbaforida a professora pergunta:

_ Você um menino saindo da escola?

_ Sim, olha ele lá do outro lado da rua. E apontou para o outro lado da rua de terra.

Atravessamos a rua atrás dele, que nesta hora já tinha nos visto e corria mais rápido na direção do portão de casa, tocou a campainha, dlim-dlom!

Já no colo de minha mãe ele disse que fugiu porque não gostava da escola e queria ficar ficar em casa. _
_Eu também quero! Gritei. - Ficamos, naquele dia e em todos os outro daquele ano, escola de novo, só no ano que viria.

Lição aprendida: Neste dia aprendi que “quem não chora não mama.”

O ano era 1987 - Antônimos (6 anos - Alfabetização)

_ Kate, vem cá! - Ouvi minha mãe me chamando, ela estava corrigindo meu dever de casa sobre antônimos.

_ Me explica isso direito. - Ela continua.

_ O quê?

_ Aqui está certo, alto, baixo, bonito, feio, agora este daqui, leve... traga??

_ Isso, você diz assim: “Kate leve isto, Kate traga isto!” Então leve, traga.

Mesmo tendo certeza que a resposta estava correta fui obrigada a apagar.

Lição aprendida: Neste dia aprendi que nem sempre as coisas eram do jeito que eu pensava.

O ano era 1988 - Goiabada com creme de leite (7 anos - 1ª série)

A hora da merenda, neste dia eu não estava conseguindo esperar por ela. Minha mãe tinha colocado na lancheira um pote cheio de goiabada com creme de leite e eu era completamente apaixonada por goiabada com creme de leite, sou até hoje diga-se de passagem. O sinal tocou anunciando a hora do recreio, peguei minha lancheira, tirei de dentro dela minha toalhinha azul, o garfinho e a faquinha de inox com meu nome escrito e arrumei tudo na mesinha da minha carteira.

Acho que não consigo descrever este momento de uma forma que você entenda, mas vou tentar: abri aquele potinho cheio de goiabada cascão, com sua textura maravilhosa, e por cima o creme de

leite bem grossinho. Quando comecei

40

a comer o tempo parou, e ficou parado até a última garfada, até o pote ter ficado completamente vazio. Aí o tempo voltou a correr, e ouvi uma voz insistente me chamando: _ Katriana, Katriana!

_ Sim professora?! - Respondi sem entender direito o tom de voz dela, foi quando olhei ao redor e vi que todos os colegas me olhavam com cara de espanto. Entendi na hora que ela estava me chamando há algum tempo, mas eu não ouvi.

_ Você é irmã de Benedito?

_ Sou! - Fala sério professora, atrapalhar meu lanche só pra saber se sou irmã do meu irmão, pensei.

Lição aprendida: Neste dia que quando a gente faz uma coisa que gosta o tempo pára.

O ano era 1989 - Folhas ou folhas? (8 anos - 2ª série)

_ Mãe, a professora pediu pra levar um monte de tipo de folha diferente para a aula de amanhã.

_ Que folhas? - Perguntou minha mãe.

_ Folhas de papel, tipo folha de ofício, folha de papel pautado, cartolina... e outros tipos que a gente achar! - respondi tentando lembrar de mais

_ Ahh sim, aqui tem também papel alumínio e papel manteiga, pode ser?

_ Claro! - Disse eu super curiosa, afinal o que seria um papel manteiga?

Cheguei na escola com a mochila cheia de folhas, sentei em meu lugar habitual naquela pequena sala amarela, e enquanto esperávamos a professora chegar conversávamos sobre coisas aleatórias.

_ Pessoal, lembraram de trazer as folhas para a aula de hoje? - Perguntou a professora logo após ter feito a chamada.

_ Siiiiimm! - Respondemos em coro.

_ Ótimo, um de cada vez, na ordem em que estão sentados, tragam as folhas aqui para a minha mesa!

Me abaixei para retirar as folhas da mochila, quando vi o colega da primeira cadeira levantando para levar as folhas, de plantas, de PLANTAS, P-L-A-N-T-A-S, para a mesa da professora, o da segunda cadeira fez a mesma coisa.

_ Katriana, você trouxe?

_ Desculpa professora, esqueci!

Lição aprendida: Neste dia aprendi o significado da palavra vergonha

O ano era 1992 - Aula de geografia

alguma.

(11 anos - 5ª série)

11

Subi as escadas correndo em direção ao primeiro andar, odiava chegar atrasada. Aliás, preciso confessar que estudar pela manhã e acordar cedo sempre foi uma coisa terrível para mim, mas me esforçava para chegar pontualmente todos os dias porque não admitia sentar em qualquer cadeira depois da segunda fileira, não suportaria ser atrapalhada por conversas alheias ao assunto da aula, ou ter que me contorcer na cadeira para ver melhor o quadro.

Meu coração quase pulava para fora da boca quando finalmente pisei no último degrau, ofegante alcancei a porta da sala, que estava aberta, e pela qual poderia ver toda a sala, as fileiras de carteiras voltadas para a porta que ladeava o quadro negro, todos olhavam para frente, onde o professor de geografia explicava qualquer coisa sobre a matéria, paralisei. Os olhares instantaneamente se voltaram para mim, e então paralisada, chorei, percorri com o olhar todas as fileiras e em nenhuma havia carteiras vazias, ou tinha, apenas lá no final onde a visão já embaçava.

Não posso precisar quanto tempo fiquei paralisada, para mim

de ouvir a voz do professor, que não me via, mas que neste momento tinha percebido que a sala toda olhava surpresa para a porta, e antes que ele chegasse à ela para conferir o que acontecia eu corri, ofegante descí as escadas, entrei na secretaria enxugando as lágrimas e alegando dor de cabeça pedi para ligar para a minha mãe.

Prometi para mim mesma que daquele dia em diante sentaria sempre no fundo da sala. Não me arrependi.

Lição aprendida: Neste dia aprendi sobre a lei da inércia.

O ano era 1993 - Jogral (12 anos - 6ª série)

- _ Não me convidaram.
- _ Pra essa festa pobre.
- _ Que os homens armaram pra me convencer.
- _ A pagar sem ver.
- _ Toda essa droga.
- _ Que já vem malhada antes de eu nascer.

Eu e minha equipe escolhemos Cazuzza para o trabalho de educação artística, o professor tinha pedido pra gente fazer um jogral de uma música em grupos de cinco integrantes.

talvez a eternidade. De repente parei

17

Lá pelo meio das apresentações um colega levantou sozinho, disse que se apresentaria assim pois tinha ficado sem equipe, ela era bem alto para uma criança de 12 anos, e bem magro também, e ele parado lá na frente sozinho já era uma cena estranha pra caramba.

Ele começa:

_ É pena
Que você pense que eu sou seu escravo
Dizendo que eu sou seu marido
E não posso partir
Como as pedras imóveis na praia
Eu fico ao teu lado sem saber
Dos amores que a vida me trouxe
E não pude viver
Eu perdi o meu medo
Meu medo, o meu medo da chuva
Pois a chuva voltando pra terra
Traz coisas do ar
Aprendi o segredo
O segredo, o segredo da vida
Vendo as pedras que choram
sozinhas no mesmo lugar

Preciso dizer que a cena de estranha se tornou bizarra, palavras como escravo e marido soavam desconectadas do contexto de uma sala com pouco mais de 30 pré adolescentes, todos olhavam perplexos o desenrolar de tal ato

ataque de gagueira, começa a repetir a palavra medo e logo depois faz o mesmo com a palavra segredo, neste momento a sala inteira cai numa gargalhada interminável.

Ao final o colega voltou ao seu lugar sem demonstrar qualquer sinal de vergonha ou humilhação, na verdade retornou como chegou, postura ereta e um certo sinal de altivez em seu semblante sereno.

Ceguei em casa intrigada e fui pesquisar de quem era a música, qual não foi minha surpresa quando descobri que era do Raul, isso mesmo, do meu querido Raul Seixas. Morri.

Lição aprendida: Neste dia aprendi que a ignorância é o ouro dos tolos.

O ano era 1994 - A história do banheiro (13 anos - 7ª série)

_ Cara, passei pela porta do banheiro masculino e tava a maior sujeira, cocô, daqueles de diarreia, sabe? Escorrendo pra fora do vaso! - Rose não acreditava no que tinha visto no caminho de volta para a sala da sétima série.

E parecia que ninguém na escola estava acreditando, de repente

quando o colega, no que parecia um

todo mundo queria ir ao banheiro

12

apenas como desculpa para ver a cena mais bizarra daquele ano letivo. O burburinho a esta altura já girava em torno de quem teria sido o autor da catástrofe, com alguns colegas que já possuíam a fama de baderneiro encabeçando a lista, em um crescente ritmo de “façam suas apostas”.

De repente a Diretora entra em nossa sala, cabe lembrar aqui que esta visita era sempre sinal de que alguma merda (literalmente, neste dia) tinha acontecido:

_ Bom dia classe, hoje o dia começou um pouco diferente, algum aluno fez uma péssima brincadeira, uma falta de educação e falta de respeito sem antecedentes, como é possível sujar daquela forma o banheiro masculino? Não sabemos quem foi, nem de que série é, mas esperamos que isto não se...

_ Fui eu professora. Desculpe, eu estava com muita dor de barriga, não fiz de propósito. - Falou levantando a mão o Danilo, o colega mais aplicado, estudioso e tímido da sala, e claro, o mais corajoso também.

Nunca em minha vida um silêncio foi tão ensurdecador.

Lição aprendida: Neste dia aprendi o que a palavra honra quer dizer.

O ano era 1996 - A gota (15 anos - 1º ano)

Era uma quinta-feira quente e ensolarada, sem qualquer previsão de chuva, dia da prova de filosofia do primeiro ano, e eu amava o dia da prova de filosofia. Não que eu gostasse de fazer provas, não era isso, o que eu gostava mesmo era do universo filosófico, das aulas, dos pensamentos, dos questionamentos, e inclusive da prova.

Não me lembro quantas questões a prova tinha, talvez umas seis. Terminando de responder a terceira questão, eis que pinga uma gota gigante bem no lugar onde eu tinha acabado de escrever com aquela velha caneta Bic da ponta redonda, que soltava um monte de tinta. Resultado, prova molhada e borrada!

Como assim pingando dentro da sala de aula? Pensei. Olhei para a janela, nada de chuva, olhei pro teto, nada de goteira, de onde teria vindo então a maldita gota? Neste momento realizei que era uma gota de baba, que escorrera da minha boca enquanto filosofava.

Lição aprendida: Neste dia aprendi que quando a gente gosta de uma

coisa, dá água na boca.

11

O ano era 1997 - O caderno de Diet (16 anos - 2º ano)

A conversa não parava na sala do 2º ano, a professora já tinha pedido, já tinha esperado, já tinha gritado, e nada! Foi quando a ouvimos falar: _ Toda a sala vai ganhar um ponto na média se o caderno de Diet estiver organizado (Diet era a colega que mais conversava na sala, o nome dela era Jucilete, mas todo mundo chamava de Diet porque ela vivia de dieta), mas se o caderno estiver bagunçado todo mundo perde um ponto!

A turma concordou com o desafio e todos olhavam fixamente para Diet. Silêncio mortal. A professora caminhou através da sala, pegou o caderno e abriu... tcham, tcham, tcham, tchammm, virou o caderno para a turma. Uau, era o caderno mais organizado que eu já tinha visto!

Um ponto para a turma inteira e meu único ponto no semestre, porque eu era péssima em química.

Lição aprendida: Neste dia aprendi que Diet era uma pessoa muito organizada.

ANEXO I

A história pelo olhar Dela

Texto escrito por Ela sobre a experiência de passar três anos sem ir à escola:

Sinto que devo começar com uma, talvez inútil, tentativa de transformar uma experiência tão complexa em algo simples e palpável. A única forma que vejo de fazer isso é formulando a seguinte analogia: você joga um jogo de tabuleiro e está indo bem, nada demais, quando tira uma carta bônus (desescolarização) que te dá um belo de um impulso e de repente você se encontra voando pelo jogo, em certo momento o dado cai no número um e você cai numa casa (escola) que te diz “volte 25 casas”.

A escola nunca foi algo que me apeteceu, achava o método de ensino um tanto aprisionador e as interações sociais naquele ambiente me faziam mais mal do que bem. Então, aos onze anos, parte de mim para os meus pais a demanda por um outro “estilo” de ensino, novos ambientes e pessoas. Menos de um ano depois, aos doze, saí da escola e comecei o processo de desescolarização que durou três anos, de 2017 a 2019. Durante esses três anos meus pais me ofereceram diversas oportunidades, que reconheço que não seriam viáveis para todos. Estudei de tudo: francês, japonês, moda, filosofia, fotografia, costura, culinária, cavaquinho, diversos estilos de dança, escrita e provavelmente outras coisas das quais não me recordo no momento. As únicas componentes curriculares da escola que continuei estudando foram matemática e português, e, ainda assim, não fizemos questão de seguir os anos escolares correspondentes, coisa que no fim das contas não me afetou em nada.

Foram três anos de muito autoconhecimento na verdade. Tive a oportunidade de me conhecer sem os olhares alheios, sem as vozes de colegas sussurrando no meu ouvido o que era legal e o que não era. de entender do que gosto. do que não

gosto, do que gosto de estudar e como. Esse processo foi provavelmente a causa de eu ter lidado tão bem com os anos de isolamento social, que foram, egoísta dizer, eu sei, os melhores da minha vida. Esses dois anos de tragédia mundial acabaram sendo, para mim, uma continuação do processo de desescolarização e um grande desabrochar pessoal.

No entanto, voltar à escola no ensino médio está sendo uma experiência, no mínimo, torturante. O método de ensino já não me interessa, os conteúdos não me instigam (falando assim passo a impressão errada, não se enganem, sou aluna modelo, boletim impecável) e a socialização, rasa, sempre rasa, se reduz ao estresse. Me enturmar também não é fácil, durante o meu tempo fora da escola me conheci muito bem, me tornei uma pessoa muito pouco maleável, muito pouco disposta a me moldar aos grupos, a agradar alguém. Porém considero esses “prejuízos” “males que vêm para o bem”, não abriria mão das vantagens do processo e muito menos das desvantagens.

Estou ciente do papel social vital da escola, e não digo que deveriam passar pelo processo de desescolarização todas as pessoas, muito menos que funcionaria para todos, mas funcionou para mim. Esse processo, quando é uma demanda da própria criança, pode ser muito valioso, e o considero parte essencial da minha formação enquanto indivíduo. Logo, mantenho minha posição: carta bônus e “volte 25 casas”.

